

é melhor para o Príncipe: ser amado ou temido? (Cap. XVII) A resposta de Maquiavel é a de que apesar do medo e o amor não serem verdadeiramente opostos é muito difícil ser amado e temido ao mesmo tempo, até porque os homens não são de confiar. Assim, os laços de obediência, respeito e fidelidade manter-se-ão melhor através do medo (controlável) do que do amor (incontrolável). Ao príncipe/líder não deve interessar sobretudo conseguir a amizade do povo, mas antes evitar a sua inimizade. Só que essa inimizade não depende apenas exclusivamente do real exercício do poder cruel, mas também da fama que é atribuída a esse mesmo poder. Por outras palavras, o sucesso do príncipe não depende apenas do seu poder material, mas também da sua reputação.

No actual contexto, onde todos os processos sociais sofreram o impacto da revolução tecnológica aplicada à informação e à comunicação, a relação entre o poder e a imagem tornou-se mais fundamental do que nunca no domínio da liderança. Sendo o poder cada vez mais imaterial e difuso e a informação mais célere e acessível, as componentes imagem e reputação tornaram-se determinantes. Não admira, portanto, que a própria campanha presidencial de Barack Obama tenha desde o início assumido como mote principal a «Mudança» ao nível do tipo de liderança. Ainda como candidato à nomeação pelo Partido Democrata, Obama publica no Verão de 2007 um artigo na *Foreign Affairs* com o incontornável título «*Renovando a Liderança Americana*». Neste, propõe que a nova liderança americana no mundo assente num propósito comum positivo para a comunidade internacional (a prosperidade e a estabilidade) e não no medo de uma ameaça comum (o terrorismo). Para tal é indispensável restabelecer o respeito mútuo (crítico) entre os aliados e a capacidade de dissuadir os inimigos. Nye, apoiante declarado de Obama, não pode deixar de considerar que esta é uma boa estratégia de *smart power*.

A parte mais substantiva da obra em análise encontra-se, contudo, no último capítulo que tenta explicar, afinal, o que é um «bom» líder: o líder que é eficaz (tem sucesso na prossecução dos

objectivos) ou o líder que é moral (porque realiza o bem)? Mais uma vez a resposta implica uma nova interrogação: os líderes estão submetidos aos mesmos padrões morais que as pessoas comuns? O que é o mesmo que perguntar, existe uma moral pública que se diferencia da moral privada? No entender do autor, os líderes devem estar sujeitos a ambos os tipos de obrigações morais, o que não deixa no entanto de ser complicado tendo em vista que muitas vezes elas colidem. Que fazer então? Para Nye não existe uma resposta única. E à laia de justificação cita Isaiah Berlin: “Os fins dos homens são variados, e nem todos eles são em princípio compatíveis entre si, o que torna impossível eliminar definitivamente o conflito – e a tragédia – da vida humana, pessoal ou social.” (*Two Concepts of Liberty*) Todavia, o professor de Harvard sublinha igualmente que em democracia os princípios importam muito e certos bens – simultaneamente públicos e privados – não devem nunca ser postos em causa. Por isso, os líderes democráticos são aconselhados a procurar recorrer tendencialmente aos instrumentos do *soft power* e a ter em consideração também os preceitos da moral. O que não quer dizer que o próprio *soft power* seja intrinsecamente mais moral. Tal como o *hard power*, ele pode ser usado para fins bons ou maus e ter consequências positivas ou nefastas. Por exemplo, os terroristas suicidas que levaram avante os ataques do 11 de Setembro foram manipulados e não coagidos por Osama Bin Laden. A razão principal do conselho de Nye encontra-se antes na distribuição do próprio poder: convém que os líderes estejam cientes que nunca como agora os seus seguidores – eleitores ou subordinados – possuiram tanto poder.

O mérito deste pequeno livro reside sobretudo nos vários exemplos e episódios que conta e na linguagem acessível e directa com que trata um tema tantas vezes mistificado na actualidade obcecada com a *cientifização* de todo o conhecimento. Mas o seu ensinamento principal não é original. Pelo contrário, é velho como a própria humanidade: os bons líderes são aqueles que em épocas diferentes e sob condições variadas sempre mostraram o melhor discernimento. ●

